

AS PRESCRIÇÕES DE LEITURA PARA A JUVENTUDE DE DOMINGOS PERDIGÃO: O QUE SE DEVE LER: *VADE-MÉCUM* BIBLIOGRÁFICO (1922-1923)¹

*Maria Helena Camara Bastos*²
*Tatiane de Freitas Ermel*³

RESUMO

O estudo analisa as prescrições de leitura estabelecidas por Domingos Perdigão, para a juventude brasileira, especialmente do Maranhão, na década de 1920, na obra *O que deve se ler: vade-mécum bibliográfico* (1922/23). Também busca esquadrihar os sentidos dados pelo autor às práticas de leitura, na formação de uma comunidade de leitores e na “edificação” de uma biblioteca ideal. A publicação, além de um guia para o exercício da leitura, é um documento da circulação de obras escritas por autores do Maranhão, dos demais Estados brasileiros e internacionais. Traz uma série de informações sobre vultos e personagens da história brasileira e, especialmente, do Maranhão. É uma viagem por uma biblioteca pública, nas primeiras décadas do século XX, podendo ser considerado como um “lugar de memória” para a escrita da história do livro e da leitura. Hoje, sua leitura permite inventariar a circulação de obras e autores, nas primeiras décadas do século XX, e possibilita analisar as lacunas desse guia de leitura, isto é, os vetos do autor, especialmente a leitura de fábulas, contos de fadas e histórias da carochinha.

PALAVRAS-CHAVE: História da leitura. Livros. Autores. Biblioteca. Literatura de juventude.

¹ Este estudo integra a linha de pesquisa “Educação Brasileira e Cultura Escolar: análise de discursos e práticas educativas (séculos XIX e XX)”. PUCRS.

² Professora doutora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: <mhbastos@puers.br>.

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: <tati.ermel@yahoo.com.br>.

INTRODUÇÃO

O adentrar em um objeto de estudo tem sempre uma história peculiar que o antecede. Em visita à centenária Livraria Lello & Irmãos (1906),⁴ em Porto (Portugal), que é também um sebo,⁵ deparamo-nos com a obra *O que se deve ler: vademécum bibliográfico*, de Domingos Perdigão, editada pela Imprensa Oficial de São Luiz do Maranhão, em 1923, com 348 páginas. Imediatamente desejamos adquiri-la, mas pensávamos que seria muito cara, mas não, custou exatos 7 euros, que não correspondem ao seu valor histórico.

Os livros, as leituras e os leitores, em diferentes enfoques e abordagens – história do livro, de uma obra e sua circulação; a história da leitura e suas práticas; as memórias de leitores e suas apropriações dos textos –, têm sido objeto de pesquisa de vários historiadores. Tendo como premissa a história da leitura como prática cultural, Chartier (2007, p. 55) enfatiza que “[...] a lectura tiene una historia (y una sociología) y que el significado de los textos depende de las capacidades, las convenciones y las prácticas de lectura propias de las comunidades que constituyen, en la sincronía o la diacronía, sus diferentes públicos”.

O presente estudo objetiva analisar as prescrições de leitura estabelecidas por Domingos Perdigão, para a juventude brasileira,⁶ especialmente do Maranhão, na década de 1920. Além disso, buscamos esquadriñar os sentidos dados pelo autor às práticas de leitura infanto-juvenil, na formação de uma

⁴ Sobre a história da Livraria Lello & Irmãos, ver: Lello (2003).

⁵ Sobre sebos, ver Delgado (1999).

⁶ Considerando que a obra abarca um amplo espectro de público – dos oito aos dezoito anos – adotamos a designação genérica – leitura para a juventude ou infanto-juvenil, que compreende livros escritos para crianças e adolescentes. Na análise, a seguir, constataremos que muitas obras se destinam a adultos.

comunidade de leitores e na “edificação” de uma biblioteca ideal. A obra também permite adentrar no acervo da Biblioteca Pública do Maranhão, assim como analisar a circulação de textos de autores nacionais e estrangeiros no período, isto é, como “[...] son apropiadas las referencias compartidas, los modelos impuestos, los textos y los bienes que circulan a escala planetaria, para cobrar sentido em um tiempo y en un lugar concretos” (CHARTIER, 2007, p. 81).

O CENÁRIO: A BIBLIOTECA PÚBLICA DO MARANHÃO

Segundo Castro e Pinheiro (2006, p. 39), “[...] a criação de uma biblioteca para a província do Maranhão foi proposta na Assembléia Legislativa na sessão de 08 de julho de 1826, pelo Dr. Antonio Pedro da Costa Ferreira, mas somente em 1829 foram tomadas medidas para a concretização dessa idéia”. Ao não receber apoio do Governo Imperial, “Costa Ferreira buscou apoio dos intelectuais locais como Antonio Ennes de Souza⁷ e a solução encontrada foi empreenderem uma subscrição popular e voluntária, para obtenção dos meios necessários” (CASTRO; PINHEIRO, 2006, p. 40).

A Biblioteca Pública Provincial do Maranhão ocupa as salas da parte superior do Convento do Carmo, inaugurada em 1829.

⁷ Antonio Ennes de Souza também funda, com Antonio de Almeida Oliveira (1843-1887), uma biblioteca popular, com mais de cinco mil volumes. Oliveira estimulou a criação de bibliotecas em todo o País, especialmente nas faculdades, muitas das quais não as possuíam. Em sua obra *O ensino público* (1874), dedica um capítulo ao tema: “Das bibliotecas populares: Da importância e necessidade das bibliotecas populares; Do característico das bibliotecas populares e dos meios pelos quais devem ser elas organizadas”. Em 1872, funda com Ennes de Sousa a Biblioteca Popular do Maranhense. Oliveira, juntamente com o Dr. João Antonio Coqueiro e Dr. Martiniano Mendes Pereira, funda também A Sociedade Onze de Agosto (1870-1882). Sobre Oliveira, ver Bastos (2007).

No entanto, somente em 3 de maio de 1831 é que foi, oficialmente, aberta ao público, com 1.448 volumes adquiridos por subscrição popular e com doações. Para alguns historiadores, é considerada a segunda biblioteca pública mais antiga do Brasil,⁸ “[...] constituindo-se num arquétipo do modelo francês e nos moldes da primeira biblioteca criada no Brasil” (MARINHO, 2008, p. 5).

Durante o período imperial, a Biblioteca teve uma trajetória “errante”, com várias mudanças de prédio e de tutela administrativa, com o acervo se deteriorando e com falta de verbas. Com a proclamação da República, a biblioteca passa a denominar-se Biblioteca Pública Estadual (CASTRO; PINHEIRO, 2006, p. 46).

A partir de 1958, intitula-se Biblioteca Pública Benedito Leite.⁹ Funciona em prédio construído em estilo colonial neoclássico durante os anos de 1950 e 1951. Recentemente foi reformada e dotada com aparelhagens de climatização e de informatização. Possui 127.000 obras, entre livros, revistas, jornais, fotografias, microfilme, manuscritos, diários oficiais, obras raras, livros em *braille* e folhetos. Está localizada na área central da cidade de São Luís, Praça do Panteon (ou Praça Mal. Deodoro).¹⁰

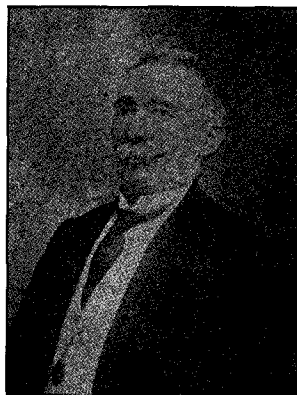
⁸ Disponível em: <<http://www.cultura.ma.gov.br/2007/12/10/Pagina8.htm>>. Ver: Marinho (2008).

⁹ Benedito Leite (1857-1908) foi deputado estadual e federal, senador e governador do Estado do Maranhão. Durante muitos anos, foi diretor da Escola Normal e da Escola Modelo Benedito Leite. Ver Viveiros (1960).

¹⁰ O site da Biblioteca: <www.cultura.ma.gov.br/biblioteca>.

O AUTOR

Domingos de Castro Perdigão é filho de Domingos Thomaz Velles Perdigão,¹¹ professor de piano e violino.¹² Foi diretor da Biblioteca Pública do Maranhão (1914-), quando escreveu a obra em análise. Participou da fundação da Faculdade de Direito do Maranhão em 1918. Entre suas obras, podem ser listadas:



- a) Catálogo do Estado do Maranhão na Exposição Nacional de 1908. Rio de Janeiro; Tipografia da Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 1908.
- b) O Maranhão: Exposição Nacional de 1908 (Relatório apresentado por [...] ao presidente do Congresso Legislativo, no exercício do governo do Estado, Américo Vespúcio dos Reis). Maranhão: Imprensa Oficial, 1910.
- c) Álbum do Tricentenário (1612-1912).
- d) Projeto de Estatuto da Bibliotheca Pública do Estado do Maranhão: Maranhão: s.n., 1914. (Manuscrito).

¹¹ Domingos Thomaz Velles Perdigão é filho do Dr. Domingos Feliciano Marques Perdigão, que é natural do Maranhão. Faleceu em Coimbra (1870), onde estudou Teologia, mas não se ordenou sacerdote, como a princípio projetara, e sim casou-se com uma prima. Fundou o colégio Nossa Senhora dos Remédios (1840), depois Colégio Perdigão, que foi muito conceituado. Muito modesto e também muito curioso, foi relojoeiro, músico e até se deu ao fabrico de muitas compotas de frutas do Estado de seu nascimento (SACRAMENTO BLAKE, 1970).

¹² Autor de *Princípios elementares de música em dez lições*, obra destinada à aula de música do Colégio Perdigão, revista e argumentada pelo Sr. Francisco Xavier Beckman, professor de música dessa Capital (MARANHÃO, 1869).

- e) A Biblioteca Pública do Estado do Maranhão em 1914. Maranhão: Imprensa Oficial, 1915.
- f) Relatórios da Biblioteca Pública do Maranhão nos anos de 1915, 1916, 1917, 1918, 1920. Maranhão: Imprensa Oficial.
- g) A Biblioteca Pública do Estado do Maranhão em 1919. Maranhão: Imprensa Oficial, 1920.
- h) Exposições e feiras e outros trabalhos lidos perante o 1º Congresso Maranhense de Agricultura. Maranhão: Imprensa Oficial, 1922.
- i) O Esperanto. “As Bibliotecas Infantis”. O Colégio Perdigão, trabalhos impressos nos Anais do Congresso Pedagógico. São Luiz do Maranhão: Imprensa Oficial, 1922.
- j) O que se deve comer: adaptação do systema de alimentação vegetariano para uso dos brasileiros. Maranhão: J. Pires, 1918 (MARTINS, 2006).

Como autor de livros e diretor da Biblioteca do Maranhão, Domingos Perdigão ocupa uma posição de autoridade¹³ que lhe confere legitimidade diante do seu leitor. Essa publicação dá visibilidade e prestígio ao *locus* de seu ofício. A obra evidencia a “[...] importância que atribui aos objetos escritos por todos aqueles que pretendem regular as condutas e moldar os espíritos. [...] controlar os corpos e as leituras, ditar condutas e pensamentos” (CHARTIER, 2004, p. 376-377).

A ampla lista de títulos que recomenda para leitura tem função pedagógica e disciplinar, que busca educar e moldar o leitor.

¹³ Para Foucault (1997, p. 46), “[...] a função de autor é característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade”.

Essa educação moral consiste em “[...] criar condições sociais e psicológicas para que os indivíduos procurem alcançar, por esforço e convicção própria, o nível de moralidade mais elevado, na busca da perfectibilidade humana, como possibilidade e como necessidade” (FREITAG, 1994, p. 19).

A OBRA: VADE-MÉCUM BIBLIOGRÁFICO

O título da obra – *O que se deve ler* – e sua organização indicam uma intenção didática e prescritiva do autor, reiterada de expressões como: deveis ler, recomendo-vos, indico-vos, etc.

O livro é dividido por fases: primeira fase – leituras preparatórias, dos 8 aos 12 anos; segunda fase – leituras educativas, dos 12 aos 15 anos; terceira fase – leituras ilustrativas, dos 15 aos 18 anos. A divisão da obra é justificada pela “[...] idade do leitor, ou antes, fazer a distribuição por idades, do que pode ser lido com aproveitamento” (PERDIGÃO, 1923, p. 8). Fazendo analogia à criança que começa a aprender a andar, em que há limites e cuidados, o autor considera que o mesmo critério deve ser observado para aqueles que se iniciam na leitura: “Devem ler em primeiro lugar livros de escritores patricios, sobre assuntos locais e de fácil compreensão, depois ler, no mesmo gênero, todos os escritores nacionais” (PERDIGÃO, 1923, p. 9). Partindo da premissa do mais próximo ao mais distante, Perdigão recomenda como o leitor deve proceder:

[...] é necessário conhecerdes, primeiramente, tudo o que vos cerca, os vossos aposentos, a vossa casa, o vosso quintal, o vosso jardim, a rua em que está ela colocada, a cidade, a vila ou povoação, o país em que nascestes – a vossa cara pátria. Em seguida deveis indagar pela leitura, da vida dos outros povos que existem na terra, planeta que

habitamos, o qual é necessário também conhecer, bem como nosso sistema planetário e suas relações com os demais planetas (PERDIGÃO, 1923, p. 9).

Portanto, a leitura indicada deve ser metódica e na idade adequada, pois o autor considera “[...] pernicioso querer saber tudo de uma vez, lendo, ao mesmo tempo, livros diversos” (PERDIGÃO, 1923, p. 10). Essas recomendações procuram fundamentar-se nos princípios da Escola Nova.

Para Koogan e Houaiss (1998, p. 1629), Vade-mécum é o “[...] nome que se dá geralmente aos livros de conteúdo e formato cômodo. Caderno em que se lançam apontamentos das obrigações diárias; agenda”. Domingos Perdigão, ao dar esse subtítulo à sua obra, pretendia destacar para o leitor que seu livro continha as mais variadas notícias bibliográficas. O tamanho – 15 x 11,5cm – traduz a ideia de “formato cômodo”, mas o alentado número de páginas – 348 páginas, mais três de índice e duas de errata – não contribui para esse item. Há duas datas impressas na obra: a capa traz a data de 1923, mas a primeira folha de rosto estampa a data de 1922.

A obra é uma homenagem do autor “À mocidade que lê na Biblioteca Pública do Maranhão”. Além dessa epígrafe, o autor chama a atenção do futuro leitor, dedicando-lhe uma página inicial – “Ao Ledor” –, em que justifica suas intenções com a publicação:

Foi escrito para atender as necessidades do serviço sob minha direção e às reclamações dos frequentadores da nossa leitura infantil. O livro é vosso, vós os reclamastes e eu empreguei todo o meu esforço, procurando ser útil aos meus infantis **ledores**. Uso de preferência o termo ledor, porque leitor, geralmente usado, designa o que recebeu a segunda das quatro ordens menores eclesiásticas ou que faz profissão de ler (PERDIGÃO, 1923, p. 5).

Em vários momentos do livro, Domingos Perdigão (1923, p. 138) estabelece diálogo com um possível leitor a partir de sua posição como diretor de Biblioteca, estimulando a leitura em seus espaços: “Este desprezioso trabalho, que tem por objeto ajudar a vossa instrução por meio de leituras na Biblioteca, traz também um caráter pedagógico, visto que as bibliotecas são instituições de educação popular”.

O destinatário da obra é majoritariamente o leitor masculino. Somente na primeira fase, há uma indicação, em separado, para mulheres – “leitura especial para meninas”.

O foco do autor é atender ao público infanto-juvenil – dos 8 aos 18 anos – formado por frequentadores da Biblioteca Infantil criada por ele, com o objetivo de orientá-los no “[...] seu aperfeiçoamento moral e intelectual [como] um pai a aconselhar seus filhos ou um professor a doutrinar seus alunos” (PERDIGÃO, 1923, p. 8), isto é, proporcionar leituras de formação ou aprendizagem, na perspectiva de *ensinabilidade* da moral ou das virtudes, em que “[...] as instituições sociais como a família, a escola, a igreja, a fábrica, o hospital, pelas quais transita o herói da obra, procuram influenciá-lo, moldá-lo, direcioná-lo, segundo seus valores e normas específicas” (FREITAG, 1994, p. 68).

O sumário da obra expressa o imenso acervo bibliográfico que o autor – diretor da biblioteca por muitos anos – tinha a seu dispor, o que não significa que as indicações que faz – em um total de 794 títulos,¹⁴ 393 de autores brasileiros e 168 de autores estrangeiros – tenham sido objeto de leitura e análise minuciosa. Esse extenso número de títulos também permite

¹⁴ Não foram computadas as várias citações do mesmo livro. A classificação, segundo critério disciplinar, é das pesquisadoras, visando a uma ordenação dos títulos sugeridos.

analisar a obra “O que se deve ler” como um catálogo do acervo da biblioteca do Maranhão, na década de 1920.

Para a primeira fase, são indicados 95 títulos; para a segunda fase, 88; e para a terceira fase, a mais extensa, 611 livros. O maior volume de indicações na terceira fase, que ocupa a metade da obra, permite afirmar que o público preferencial do autor foram os jovens e os adultos jovens, que estão maduros e orientados para ampliar o seu cabedal de leituras.

Do conjunto de títulos indicados à leitura, Domingos Perdigão, partindo do princípio de que os leitores devem começar por seus conterrâneos, destaca os autores maranhenses, em um total de 15 autores (em 41 obras), entre nomes nacionais (393 autores em 596 obras) e internacionais (168 autores em 198 obras). Das obras estrangeiras citadas, 141 são escritas em francês, 8 em inglês e 8 em espanhol, as demais são traduções brasileiras ou portuguesas. A diferença significativa para livros em língua francesa resulta da permanência, ainda no século XX, da predileção da cultura francesa pela elite cultural brasileira.¹⁵

Além dessas indicações, na terceira fase, publica a *Syntese systematica do catalogo maranhense*, organizada em ordem alfabética, que faz um inventário dos autores maranhenses (395) e suas obras (738), e também aborda outros temas: poesia, filologia, literatura, contos e fantasias, teatro, crônicas e epístolas, discursos e conferências, bibliografia e biblioteconomia, imprensa, jornalismo da Capital, jornalismo do interior do Estado, geografia, história, viagens, etnografia,

¹⁵ No Brasil, o século XIX é considerado como um século de francofonia por excelência, quando a nossa cultura absorveu tudo ou quase tudo o que se produzia na França. Na área da educação, a influência é extremamente significativa. No campo das ideias e inovações pedagógicas, muitos autores franceses são traduzidos e apropriados. Essa influência, no século XX, gradativamente vai dar lugar para o predomínio dos EUA. Ver Bastos (2008).

biografia, religião, pedagogia, belas-artes, lógica, educação física, educação cívica, lógica, economia política, direito e jurisprudência, matemática, engenharia, história natural, biologia, botânica, física e química, medicina, naturismo, agricultura, indústrias, burocracia, milícia, política, administração, antologia, relatórios e catálogos, almanaques.

A seguir, lista as obras de autores nacionais e internacionais (Portugal, República Argentina, Espanha, França, Itália, Bélgica, Holanda, Inglaterra, Alemanha, Polônia, Rússia, Estados Unidos da América). Esse catálogo, que ocupa a metade da obra (p. 171 à p. 348), é um documento significativo para a pesquisa em história do livro e da leitura, no Maranhão e no Brasil.¹⁶

Quanto ao período de publicação dos títulos indicados, há um número significativamente maior de obras da segunda metade do século XIX em relação às do período das duas primeiras décadas do século XX.

O conjunto da obra funciona como um protocolo de leitura¹⁷ operado pelo autor, que objetiva levar o leitor à prática da leitura. É uma miscelânea de temáticas, obras e autores de várias procedências geográficas, estilos, natureza disciplinar, como se pode constatar pelo quadro a seguir, com o índice detalhado.

| 1ª PHASE | 2ª PHASE | 3ª PHASE |
|----------|----------|----------|
|----------|----------|----------|

¹⁶ Além disso, Perdigão também informa que a biblioteca conserva as coleções de livros dos escritores maranhenses – Filipe Franco de Sá, Benedicto Pereira Leite e Arthur de Azevedo.

¹⁷ Sobre protocolos de leitura, ver Chartier (1990, 2003, 2004, 2007) e Scholes (1990).

| | | |
|--|--|---|
| <p>Leituras preparatórias – dos oito aos doze annos O que se deve ler? Livros escolares Colleções seriadas Livros infantis Instrucção Phisica Educação cívica Leituras religiosas Revistas infantis Livros infantis de escriptores portuguezes Leitura especial para meninas</p> | <p>Leituras educativas e instructivas – dos 12 aos 15 annos Exame de admissão O que são as bibliothecas As anthologias Estudo da língua portugueza Estudo da Literatura nacional Diccionarios da Língua Portuguesa Língua internacional Esperanto Estudo da língua francesa Estudo de Geographia Arte de Estudar Estudo da matemática Estudo das línguas grega e latina Estudo da língua inglesa Estudo da língua allemã Estudo da história Estudo da litteratura universal A bibliographia O folk-lore Estudo da philosophia Curso profissional do Lyceu Estudo da pedagogia Estudo da hygiene Estudo do desenho Estudo da música Estudo da gynastica</p> | <p>Leituras illustrativas – dos 15 aos 18 annos Arte da Grandes dictionarios e encycopledias universais Os escriptores maranhenses Synthese Systematica do Catalogo Maranhense Brasil (poesia) Brasil (prosa) Portugal República Argentina Espanha França Itália Bélgica Hollanda Inglaterra Allemanha Polônia Rússia Estados Unidos da América do Norte Obras mais divulgadas da litteratura mundial</p> |
|--|--|---|

QUADRO 1 - Sumário da obra

LEITURAS PREPARATÓRIAS: DOS OITO AOS DOZE ANOS

Nessa primeira fase, correspondente aos leitores que frequentam a escola primária, a indicação começa para os que ainda não dominam a leitura corrente: “Se ainda não saber ler correntemente ou se ainda tendes dificuldade na leitura, deveis principiar pelos livros escolares, que são geralmente muito úteis para a infância e dos quais possuímos uma brilhante coleção nacional” (PERDIGÃO, 1923, p. 11). A primeira indicação é a obra *O livro do povo*, do autor maranhense Antonio Marques Rodrigues “[...] é um trabalho consciencioso e de leitura fácil onde o nosso inolvidável conterrâneo reuniu uma grande soma de conhecimentos humanos, próprios para instruir moral e intelectualmente a mocidade” (PERDIGÃO, 1923, p. 11). O autor informa que a obra foi adotada nas províncias do Piauí e Paraíba, de 1864-1881, e que, em dois anos, teve uma tiragem de dez mil exemplares.

Para cada título indicado, Domingos Perdigão (1923, p. 14) tece comentários sobre o autor e a pertinência da obra. Apesar de longa, é interessante transcrever a sua posição contra a leitura de fábulas, apoiando-se em Almeida Garret:

O eminente homem de letras portuguesas – Visconde de Almeida Garret, no seu ‘Tratado da Educação’, falando do primeiro livro que se deve facultar à leitura da infância, condena os livros de fábulas, histórias, fantasias, inverossímeis e sugere a idéia de um livro especial para as primeiras leituras, dizendo: ‘um bom livro que contivesse – primeiro, histórias verdadeiras, bem escolhidas e tiradas das antigas e modernas crônicas, e – segundo, vidas de homens célebres, uma espécie de Valério Maximo e Plutarco da mocidade, em que se achassem, não gregos e romanos, mas Varões ilustres de todos os povos, e principalmente nossos, – um livro tal preencheria todas as condições que em vão buscam na fábulas. Epaminondas, Aristides, Sócrates, Alcebíades, Aníbal Bruto, Fabrício, Cássio, Tito, – o próprio Nero –, Atila, Teodorico,

Rodrigo, Belisario, Alfredo, Henrique IV, Afonso Sábio, Afonso henriques, Egas Moniz, Nuno Álvares, Las Casas, Bartolomeu dos Mártires, Martim de Freitas, João de Castro, Albuquerque, Pacheco, o Infante Santo, Howard, Turenne, Fénelon e mil outros de todos os tempos e nações ensinarão pelo menos, tão boa moral como a **comadre, a cegonha, o compadre rato** e outras distintas personagens das crônicas de Esopo e seus discípulos. De mais, fábula quer dizer fingimento e fingimento é mentira; e mentira nem zombando se deve ensinar às crianças; é mau divertimento, não se deve deixar folgar com ele; é como brincos de lume, que a mais descuidada ama secas lhes não permite. **No tempo que os bichos falavam:** começam os apólogos de tradição oral que se contam aos meninos; bem sabemos que ainda quando crêem nisso, não podem crer muito tempo; mas para que essa idéia falsa, por pouco que dure? Sempre é mau, – é péssimo: faz-lhes perder o horror à falsidade, ensina-lhes a ‘contar contos’ e a não olhar a verdade como uma coisa santa, com a qual não é lícito, não é possível brincar; – que nem se deve nem se pode saber dissimular, ou alterar no mínimo ponto.

Ao não recomendar a leitura de contos de fadas, histórias da carochinha, o autor exerce o seu poder de veto, de censura,¹⁸ pela posição de autoridade que assume como diretor de biblioteca, portanto, como guardião da moral.

Opondo-se às fábulas, recomenda as obras de Coelho Neto, Olavo Bilac, João da Costa Gomes, Viriato Corrêa, Julia Lopes de Almeida, Afonso Celso, Rocha Pombo, Afrânio Peixoto, Manoel Bonfim, por serem “[...] magníficos livros de leitura fácil, correta, instrutiva e de altos ensinamentos morais” (PERDIGÃO, 1923, p. 15). Destaque especial é dado à obra *Porque me ufano do meu País*, de Afonso Celso:

¹⁸ Ver Paiva (1997).

lede com toda atenção esse criterioso livro, aprecie bem o estilo (o modo correto e claro de dizer do grande mestre), os magníficos conceitos que nele se encontram e, depois, tenho certeza absoluta, que acrescentareis mais um para ufanar-nos do nosso país: é o de possuir ele, filhos ilustres da envergadura moral do Conde Affonso Celso (PERDIGÃO, 1923, p. 23).¹⁹

Leenhardt (1998, p. 47) analisa como as sociedades tentaram fazer uso da literatura como uma fonte de exemplaridade, em pelo menos dois sentidos: por um lado, permite ao leitor conhecer os mundos verossímeis e, por outro lado, esse caráter verossímil envolve o leitor num processo de identificação, numa relação de reconhecimento, conhecimento e de imaginação com relação a este “mundo da obra”. A exemplaridade da literatura situa-se, portanto, na possibilidade de o indivíduo estabelecer laços imaginários com seus semelhantes e dissimular a carência de laços simbólicos.²⁰

Seguindo em suas indicações de leituras, Perdigão recomenda os livros escolares e as coleções seriadas nacionais pelo seu alto valor educativo. Dominadas essas obras, indica textos de “instrução física”. Entre eles, o *Manual do escoteiro*, tradução do Dr. Herman Neves, estimula a prática do escotismo,²¹ e a de educação cívica, a fim de, conjuntamente, desenvolver o físico e a moral. A seguir, sugere leituras religiosas: “[...] são muito úteis e indispensáveis na vossa idade, e insisto em recomendá-

¹⁹ Sobre essa obra, ver Bastos (2002).

²⁰ Os romances de formação também têm essa perspectiva. Para Nazarri (2006, p.14) são objetivos de um romance de formação: a autonomia (formar-se a si mesmo), a totalidade (formação plena), a harmonia (formação harmônica). Para Lukács (2006, p. 581), o que caracteriza o romance de formação é seu conteúdo, que permite a educação dos homens para a compreensão prática da realidade. No romance de formação há uma relação entre a formação, humanista da personalidade total e o mundo da sociedade, o que leva à humanização do leitor.

²¹ Ver Tesche (2002) e Nascimento (2005, 2006, 2007, 2008).

las, porque tenho certeza que, passando esta ocasião, não o fareis mais, e ficareis ignorantes de coisas, que forem sempre consideradas e são santas” (PERDIGÃO, 1923, p. 31).

Para intercalar as leituras indicadas acima, Perdigão salienta a importância de ler jornais ou revistas infantis, como *O Tico-Tico*.²² No entanto, recomenda com ressalvas: “[...] onde, abstraindo as narrativas fantásticas e inverossímeis, enervantes e perniciosas, encontrareis muitos ensinamentos, e só tereis a lucrar lendo-o e recreando-vos com esse amiguinho da infância” (PERDIGÃO, 1923, p. 32).

O autor faz sérias restrições às leituras que classifica de “fantásticas, mágicas”, que são erroneamente dadas às crianças. Elenca nesse rol *Contos populares do Brasil*, de Silvio Romero; *Contos de fadas, Histórias da carochinha*, que poderão ser lidos quando o leitor chegar às obras de folclore e literatura. Mas acrescenta: “[...] se deixar de lê-los, não perdereis muito nos vossos conhecimentos”. Consciente de que o leitor pode ter desejo dessas leituras, indica *Era uma vez...*, de João do Rio, e as traduções de Viriato Corrêa: *Viagens de Gulliver, Aventuras do Barão de Munchaüssen, As aventuras de Robson Crusóé*,²³ “[...] e basta, por enquanto de ficções e fantasias” (PERDIGÃO, 1923, p. 33).

Na seleção de obras, Perdigão (1923) privilegia autores do Maranhão e nacionais. A seguir, recomenda autores portugueses, especialmente o *Manual enciclopédico* de Monteverde,²⁴ do qual faz uma significativa apologia:

Este manual ou enciclopédia infantil, talvez a primeira neste gênero, escrita em língua portuguesa, é um vasto

²² Sobre essa revista infantil, ver Rosa (2002).

²³ Sobre essa obra no Brasil, ver Villalta (2002, 2008).

²⁴ Ver Boto (1995, 1998, 1999).

repositório de conhecimentos humanos, onde se encontram, organizadas metodicamente, sábias lições de moral, religião, civilidade, língua portuguesa, aritmética, geometria, belas artes, geografia, cronologia, história, especialmente de Portugal, antiga cavalaria, literatura, física, mitologia, bibliografias e biografias (PERDIGÃO, 1923, p. 35).

De autor italiano, recomenda o “delicado e sentimental livro ‘*Coração*’ de Edmundo D’Amicis”.²⁵

Para concluir essa primeira fase, indica leituras às meninas. Cita *Alma*, de Coelho Neto, por ser “[...] livro de sã moral, castiça e burilada linguagem, prosa clara e de fácil compreensão” (PERDIGÃO, 1923, p. 37). Entre os autores, está também Júlia Lopes de Almeida,²⁶ Félix Ferreira,²⁷ Combes, Miguel Milano, Vera A. Cleser.

Com esse acervo de leituras, Perdigão considera seus leitores “aprovados no curso preparatório” e com condições de dar continuidade às próximas etapas.

LEITURAS EDUCATIVAS E INSTRUTIVAS: DOS 12 AOS 15 ANOS

Essa fase destina-se aos leitores que passam a frequentar o ensino secundário (ou ginásio). Para tal, suas orientações seguem as normas estabelecidas pelo programa do Colégio Pedro II,²⁸ indicando leituras para as disciplinas que compõem o currículo do ginásio, no curso de ciências e letras (Quadro 2). Assim expressa sua intenção: “[...] do melhor modo que me foi possível, procurei indicar-vos as leituras úteis para a aquisição

²⁵ Ver Bastos (1998, 2004).

²⁶ Ver Diana Vidal (2004).

²⁷ Ver Bastos e Garcia (1999).

²⁸ Ver Vechia e Lorenz (1998).

completa e perfeita de todos os conhecimentos preparatórios e de humanidades” (PERDIGÃO, 1923, p. 137).

| Disciplinas | Número de obras indicadas |
|---|---------------------------|
| Português | 69 |
| Literatura | 127 |
| Geografia | 73 |
| Matemática | 20 |
| História | 124 |
| Línguas (latim, grego, inglês, francês, alemão) | 31 |
| História Natural | 17 |
| Filosofia | 20 |
| Psicologia | 3 |
| Higiene* | 6 |
| Desenho* | 1 |
| Música e Arte* | 32 |
| Ginástica/Educação Física* | 20 |
| Instrução Cívica | 20 |
| Pedagogia/Educação* | 60 |

QUADRO 2 - Disciplinas e número de obras indicadas

* Disciplinas do Curso Profissional do Liceu – Escola Normal

Considera que os leitores, antes de adentrar nessa fase, fazem uma revisão do curso primário. Para tal, indica a obra *Exame de admissão*, de Raja Gabaglia e João Ribeiro.²⁹ Realizada essa etapa, recomenda a frequência à Biblioteca, que define como “[...] uma escola sem professor, sem a obrigatoriedade das lições, sem horário determinado para estudo, [isto é], onde os alunos vão espontaneamente e educam-se conforme lhe apraz” (PERDIGÃO, 1923, p. 41). Além dessas indicações, recomenda a obra *Arte de estudar*, de Augusto Benedetti.³⁰

²⁹ Sobre memórias do admissão ao ginásio, ver Urbim (2008).

³⁰ Livro premiado nas Exposições Internacionais de Bruxelas e Buenos Aires.

Essa fase deve começar com a leitura de antologias, crestomatias ou seletas, que, para Perdigão (1923, p. 42), apresentam coletâneas de textos dos principais escritores, “[...] onde se encontram, como que um mostruário de retalhos, do que melhor se tem escrito na nossa língua”. Inicia pela indicação da *Antologia nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, porque permite conhecer os “[...] mais distintos escritores da língua que falamos, suas biografias e bibliografias; aprenderdes as principais regras da sintaxe portuguesa; irdes adquirindo conhecimentos da nossa língua, a partir do seu atual estado para o idioma primitivo” (PERDIGÃO, 1923, p. 43). A lista é imensa e detalhada, compreendendo os três anos.

A seguir, lista os livros de literatura nacional, tendo em vista o programa do terceiro ano do ginásio, no qual os alunos são arguidos oralmente. Recomenda o *Compêndio de história da literatura brasileira*, de Silvio Romero e João Ribeiro, e *Compêndio de literatura brasileira*, de Coelho Neto, e ainda sugere vários dicionários.³¹ O Quadro 3 apresenta uma relação dos autores brasileiros mais indicados.

| Autores | Citações |
|---------------------------|-----------------|
| João Ribeiro | 8 |
| Silvio Romero | 6 |
| Francisco Sotero dos Reis | 5 |
| Henrique Coelho Neto | 5 |
| Dr. Justo Jansen Ferreira | 4 |

³¹ Entre os autores mais citados: João Ribeiro (8 citações em indicações de Língua Portuguesa, Literatura e História); Silvio Romero (6, em Literatura, História e Psicologia); Francisco Sotero dos Reis e Henrique Coelho Neto (5); Julio Hansen Ferreira e Olavo Bilac (4).

| | |
|----------------------|---|
| Olavo Bilac | 4 |
| Manoel Bomfim | 3 |
| Dunshee de Abranches | 3 |
| José Augusto Corrêa | 3 |
| Villa Lobos | 3 |
| F. I. C. | 3 |

QUADRO 3 - Autores brasileiros mais citados

Como autor de um texto sobre “Esperanto” (1920/1922, p. 61), Domingos Perdigão recomenda o estudo do Esperanto, como a “[...] língua da paz e da harmonia”. Essa recomendação parte da premissa de que o estudo das línguas vivas e mortas é um “[...] pesadelo terrível dos estudantes que delas necessitam para completar seu curso de humanidades” (PERDIGÃO, 1922, p. 61). O domínio da língua nacional e do esperanto seria suficiente para os jovens, já que é uma língua disseminada pelo mundo e que está no Brasil desde 1906. No entanto, indica obras para o estudo de latim, grego, francês, inglês e alemão. Para aprofundamento da língua francesa, indica seletas, gramáticas, literatura de autores nacionais e franceses. Cita os “grandes vultos das letras francesas” – Fénelon,³² Rousseau, Voltaire, Buffon, Bernardin de Saint-Pierre, Lamartine, Victor Hugo, Chateaubriand, Madame de Stael – que deveriam ser objeto de leitura.

Opondo-se à leitura de ficção para os leitores de 12 a 15 anos – “[...] os contos, novelas, romances ou histórias imaginadas, empolgam toda atenção do leitor, que, raras vezes, aproveita com essas inúteis leituras” –, só recomendada, com ressalvas, a partir dos 16 anos. Abre uma exceção para os “[...] belos e instrutivos romances do laureado escritor francês Júlio Verne,

³² Ver Bastos (2008).

[...] pois esse autor aproveita a ficção para ensinar ciência” (PERDIGÃO, 1923, p. 82).

É interessante destacar a seção que o autor dedica às leituras do *Curso profissional* do Liceu do Maranhão,³³ que substituiu a Escola Normal,³⁴ acrescentando indicações sobre pedagogia, música, desenho, higiene e ginástica. Aqui a obra tem a intenção de registrar a história da educação e da escola, elenca os mestres ilustres e faz apologia do papel do Estado: “O Maranhão tem possuído notáveis pedagogos e pedagogistas que pugnaram, com talento e perseverança, pela sublime causa do ensino, criando, no espírito do povo, o gosto pela instrução e a ambição do saber, o que nos granjeou lugar saliente no mundo das letras” (PERDIGÃO, 1923, p. 139).

Dos educadores maranhenses, destaca para leitura as obras de Almir Nina – *Roteiro para o curso de pedagogia*; de Antonio Baptista Barbosa de Godois – *O mestre e a escola, Os ramos da educação, Higiene pedagógica; Instrução cívica; Escrita rudimentar*; e mais de uma centena de autores e títulos, em especial os trabalhos do Congresso Pedagógico, realizado em 1920, e os artigos do *Boletim da Associação Pedagógica Almir Nina*, do jornal *A Escola* (desde 1914) e da *Revista Escolar*. Conclui essa parte do seu texto, que ocupa 20 páginas, com a seguinte afirmação: “Pelos leituras mencionadas vereis que muito tem sido feito no Maranhão sobre assuntos pedagógicos e, com o desenvolvimento que vai tendo o curso do Liceu, em breve, não contaremos em todo o estado, um só professor provisório” (PERDIGÃO, 1923, p. 156).

³³ O Liceu do Maranhão foi criado em 1838.

³⁴ A Escola Normal do Maranhão foi criada em 1890. Ver Motta e Nunes (2008).

Na seção Pedagogia, para os autores nacionais, Domingos Perdigão inicia recomendando a leitura da obra de N.A. Calkins, *Primeiras lições de coisas*,³⁵ com a observação: “Vós, que vos destinais ao professorado, deveis ler e reler este precioso livro afim de aprenderes a ensinar, calma e alegremente, a mocidade, que vos será confiada no futuro. Este deve ser o primeiro livro de pedagogia a ser lido pelos nossos futuros professores” (PERDIGÃO, 1923, p. 157).

A seguir, lista obras de Herbert Spencer, Almeida Garret, Manoel Bonfim, André Aguilli, Feliciano Pinheiro Bittencourt, Alexandre Bain, Paul Rousselot, Carlos Frederico Marques Perdigão, Huxley, Francisco Ozanis – nomes expressivos da literatura pedagógica do século XIX e das primeiras décadas do século XX, afinados com a pedagogia moderna. Também recomenda a coleção, publicada nos EUA em língua espanhola, intitulada *Biblioteca del Maestro*, e anuários,³⁶ boletins, revistas.

LEITURAS ILUSTRATIVAS: DOS 15 AOS 18 ANOS

Esta fase é considerada, pelo autor, como de liberdade do leitor, que pode solicitar qualquer obra na biblioteca. No entanto, adverte para o perigo – “[...] a falta de um roteiro seguro para guiar-vos neste complicadíssimo labirinto, que ramifica até o infinito” (PERDIGÃO, 1923, p. 167). A obra *O que debes ler* pretende guiar, com segurança, o leitor nesse percurso no mundo dos livros, como um catálogo sistemático.

³⁵ Ver Valdemarin (2004), Machado (2005) e Schelbauer (2005).

³⁶ Cita, entre outros, o *Anuário do Ensino* (1895), publicado por Menezes Vieira, que é muito referido, mas que até o momento não foi passível de exame. Quem sabe a Biblioteca do Maranhão ainda o conserva. Ver Bastos (2002).

Antes de iniciar as indicações, Domingos Perdigão recomenda ao leitor três obras básicas: *Arte de estudar*, de Augusto Benedetti, já recomendada na segunda fase; *Arte de escrever*, de Xavier Marques; *A formação do estilo pela assimilação dos autores*, de Antonio Albalat. Depois de estudados esses manuais e de conhecer os dicionários e enciclopédias como “magníficas fontes de consulta”, o leitor poderia adentrar nas leituras científicas e literárias, sempre começando pelos autores do Maranhão.

Coerente com o método que viemos adotando, é meu dever, mais uma vez, encaminhar-vos para a leitura das obras dos ilustres homens de saber do Maranhão. Lendo-os, tudo tereis a lucrar. Já ilustrando o vosso espírito, já enriquecendo-o de sabedoria. E, se depois de lidos e assimilados todos os valiosos trabalhos dos nossos ilustres conterrâneos, não vos for possível prosseguirdes nos vossos exercícios de leitura, eu vos afirmo, sem receiar contestação, que tereis um cabedal científico-literário bastante para fazer figura saliente no mundo das letras ou, se fordes modestos, para vos mostrardes cultos e ilustrados (PERDIGÃO, 1923, p. 173).

Inicia suas recomendações de leitura pela literatura maranhense, capitaneada pelo poeta Francisco Sotero dos Reis, seguido de nomes como Gonçalves Dias, João Lisboa, Joaquim Gomes de Souza, Aluísio de Azevedo. Considera que a breve enumeração que faz mostra por que o Estado alcançou o codinome *Atenas Brasileira*.

Para essa fase, o autor publica tão somente os títulos do catálogo da biblioteca do Maranhão, sem se preocupar em fazer um juízo de valor dos autores e obras. Para as obras nacionais, inicia com uma apologia aos autores brasileiros: “O nosso caro Brasil, desde os seus princípios, conquistou posição definida nas letras, nas ciências e nas artes, pelo gênio e talento

dos seus filhos ilustres os quais, de então até o presente, se têm salientado em todos os ramos do saber humano” (PERDIGÃO, 1923, p. 277). Na listagem das obras estrangeiras, Perdigão inicia por Portugal, justificando que “[...] observada a norma que adotamos para vossas leituras, cabe agora a vez das letras lusitanas, grande manancial donde bebemos a ciência, o heroísmo e a intrepidez dos nossos antepassados” (para guiá-los neste complicadíssimo labirinto, que ramifica até o infinito” (PERDIGÃO, 1923, p. 301). A seguir, refere-se às obras da República Argentina, registrando a doação do presidente Julio Roca, em 1902, de uma estante de livros com obras “dos ilustres escritores argentinos”, entre eles: Domingos F. Sarmiento, Bartolomeu Mitre, etc.

Ao finalizar essa terceira parte, Perdigão destaca as obras mais divulgadas e clássicas da literatura mundial, iniciando pela *Bíblia* e *Os Evangelhos de Jesus Cristo*. Seguem-se obras da Grécia – *Iliada e Odisséia*, de Homero, *Fábulas*, de Esopo, *Teatro*, de Sófocles; de Roma – Cícero, Virgílio, Ovídio, Santo Agostinho, etc.; da Itália – Dante, Petrarca, Tasso; de Portugal – Camões, Padre Antonio Vieira, Alexandre Herculano; da Espanha – Dom Quixote de Cervantes; da França – La Fontaine, Racine, Fénelon, Lamartine, Vitor Hugo, Alexandre Dumas, etc.; da Inglaterra – Shakespeare, Milton, Darwin; da Alemanha – Goethe, Schiller, etc.; da Rússia – Tolstói, Max Nordau; dos Estados Unidos da América – A cabana do tio Thomas, de Henriquetta Stowe; e finaliza com o Brasil, citando várias obras de cada autor – Basílio da Gama, Thomaz Gonzaga, Araújo Porto Alegre, Gonçalves Dias, Manoel Antonio de Almeida, Joaquim Manoel de Macedo, Bernardo Guimarães, José de Alencar, Machado de Assis, Raul Pompéia, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, Rui Barbosa, Julia Lopes de Almeida.

AMPLIANDO

Para Chartier (2001, p. 105),

[...] as obras – mesmo as maiores, ou, sobretudo, as maiores – não têm sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição de recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam. Certamente, os criadores, os poderes ou os *experts* sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção inventa, desloca e distorce.

O livro *O que debes ler*, com as indicações de leitura de Domingos Perdigão (1923), provavelmente trilhou caminhos tão distintos quantos foram seus leitores. Hoje, sua leitura permite analisar a circulação de obras e autores nas primeiras décadas do século XX. Também possibilita analisar as lacunas desse guia para leitura, isto é, os vetos do autor, especialmente a leitura de fábulas, contos de fadas e histórias da carochinha.

A extensa lista de obras e autores assim como mapeia o que estava disponível à população da cidade de São Luís do Maranhão também evidencia a atualidade da “biblioteca ideal” sugerida por Domingos Perdigão. A extensa lista de obras estrangeiras que indica está afinada com o projeto de expansão do mercado editorial e livreiro, mas também com a universalização de uma cultura identificada com a modernidade.

A obra, além de um guia para leitura, é um documento da circulação de obras escritas por autores do Maranhão, dos demais Estados brasileiros e internacionais. Traz uma série de

informações sobre vultos e personagens da história brasileira e, especialmente, do Maranhão. É uma viagem por uma biblioteca pública nas primeiras décadas do século XX. Portanto, é um “lugar de memória” (NORA, 1997)³⁷ para a escrita da história da circulação do livro e da leitura no Brasil.

A dimensão histórica e as condições locais das leituras e das práticas permitem-nos colocar questões sob o ângulo dinâmico da apropriação, que supõem, na comparação, as diferentes experiências de cada caso, em termos das competências dos atores sociais e das condições de possibilidades dos contextos em que atuam. Ou seja, a apreensão do social passa a ser feita a partir das trajetórias e experiências dos indivíduos inscritos em um projeto histórico de análise.

A história dessa obra e de suas leituras é também uma história maior, que ainda está para ser escrita. Pode-se considerar *O que se deve ler* como um guia exemplar de uma época, isto é, um clássico que não se esgota no tempo, ainda que tenha permanecido dignamente silencioso em papel.

THE REQUIREMENTS FOR THE READING OF YOUTH SUNDAY PERDIGÃO: WHAT SHOULD READ: VADE- MÉCUM-BIBLIOGRAPHIC (1922-1923)

³⁷ Nora (1997, p. 16) refere-se a “lugar de memória”, isto é, lugares que podem ser definidos como “[...] toda a unidade significativa, de ordem material ou ideal, da qual a vontade dos homens ou o trabalho do tempo fez um elemento simbólico do patrimônio da memória de uma comunidade qualquer [...]”, com significações construídas, fortalecendo mitos e representações de um grupo.

ABSTRACT

The study examines the reading requirements established by Dominic Perdigão, for the Brazilian youth, especially of Maranhão, in the 1920s, the work *What is to be read: Vademecum bibliographic* (1922/23). It also seeks probe into the meanings given by the author to the practices of reading, in forming a community of readers and "building" of an ideal library. The publication, plus a guide for the practice of reading is one document the circulation of works written by authors of Maranhão, the other Brazilian states and abroad. Brings a wealth of information on figures and characters of Brazilian history, and especially of Maranhão. It is a journey through a public library in the early decades of the twentieth century can be considered a "place of memory" for the writing of history books and reading. Today, his reading inventory allows the circulation of works and authors in the early decades of the twentieth century, and gives to the shortcomings of this reading guide, ie, the vetoes of the author, especially reading fables, fairy tales and stories tale.

KEYWORDS: History of Reading. Books. Authors. Library. Youth literature.

REFERENCIAS

- 1 AUBIN, P. La pénétration des manuels scolaires de france au Québec: um cas-type: les frères des Écoles chrétiennes, XIX – XX siècles. **Histoire de l'Éducation**, INRP/Paris, n. 85, p. 3-24, janv. 2000.
- 2 BASTOS, M. H. C. Manuais escolares franceses no Imperial Colégio de Pedro II (1856-1892). **Revista História da Educação/ASPHE-UFPEl**, Pelotas, v. 12, n. 26, p. 39-58, set./dez. 2008.
- 3 BASTOS, M. H. C. Inventário de uma obra: as aventuras de Telêmaco, de Fénelon. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: cultura

- escolar, migração e cidadania, 7., 2008. Porto. **Anais...** Porto: FPCE/Universidade do Porto/Portugal, 2008.
- 4 BASTOS, M. H. C. As idéias do Conselheiro Antonio de Almeida Oliveira para a educação no Brasil: o ensino público (1874). In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN LATINOAMERICANA: contactos, cruces y luchas em la historia de la educación latinoamericana, 8., 2007. Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: SAHE, 2007. 25 p. 1 CD-ROM.
 - 5 BASTOS, M. H. C. Educação do caráter nacional: leituras de formação. **Educação & Filosofia**, Uberlândia, v. 12, n. 23, jan./jun. 1998.
 - 6 BASTOS, M. H. C. Cuore, de Edmundo de Amicis (1886): um sucesso editorial. In: INTERCON: COMUNICAÇÃO, ACONTECIMENTO E MEMÓRIA, 27., 2004, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2004. 1 CD-ROM.
 - 7 BASTOS, M. H. C. Inventário de uma obra. As aventuras de Telêmaco, de Fénelon. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: cultura escolar, migração e cidadania, 7., 2008. Porto. **Anais...** Porto: FPCE/Universidade do Porto/Portugal, 2008.
 - 8 BASTOS, M. H. C. Amada pátria idolatrada: um estudo da obra Porque me ufano do meu país, de Affonso Celso (1900). **Educar em Revista**, UFPr, n. 20, p. 245-260, 2002.
 - 9 BASTOS, M. H. C. **Pro patria laboremus**: Joaquim José de Menezes Vieira. Bragança Paulista/SP: EdUSF, 2002.
 - 10 BASTOS, M. H. C.; GARCIA, T. E. M. Leituras de formação: *noções de vida doméstica (1879)*: Félix Ferreira traduzindo Madame Hippeau para a educação das mulheres

- brasileiras. **História da Educação**, ASPHE, Pelotas, v. 3, n. 5, p. 77-92, abr. 1999.
- 11 BLAKE, A. V. A. S. **Dicionário bibliográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. 7 v.
- 12 BOTO, C. Lição da escola em Portugal: o manual enciclopédico. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, Universidade do Minho, v. 8, n.1, p. 21-31, 1995.
- 13 BOTO, C. O mundo por escrito: alguns aspectos da alfabetização portuguesa no século XIX. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: leitura e escrita em Portugal e no Brasil (1500-1970) - política, mentalidades, práticas educativas, 1., 1998, Porto. **Actas...** Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1998. p. 571-578.
- 14 BOTO, C. O mundo por escrito: usos e costumes da leitura escolar portuguesa no século XIX. **Revista de História das Idéias**: o livro e a leitura. Coimbra, Instituto de Teoria e História das Idéias. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, v. 20, p. 229-255, 1999.
- 15 CARVALHO, M. M. C. de. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: SOUSA, C.; CATANI, D. B. (Org.). **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente**. São Paulo: Escrituras, 1998.
- 16 CASTRO, C. A.; PINHEIRO, A. L. F. Trajetória da Biblioteca Pública no Maranhão Provincial. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 38-50, jul./dez. 2006.
- 17 CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

- 18 CHARTIER, R. **Formas e sentido, cultura escrita**: entre distinção e apropriação. Campinas: ABL/ Mercado das Letras, 2003.
- 19 CHARTIER, R. **La historia o la lectura del tiempo**. Barcelona: Gedisa, 2007.
- 20 CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do antigo regime**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- 21 DELGADO, M. C. **Cartografia sentimental de sebos e livros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- 22 FOUCAULT, M. **O que é o autor?** Lisboa: Passagens, 1997.
- 23 LELLO, J. M. et al. **Livraria Lello**. Porto: Prólogo Livreiros, 2003.
- 24 LEENHARDT, J. A construção da identidade pessoal e social através da história e da literatura. In: LEENHARDT, J.; PESAVENTO, S. J. (Org.). **Discurso Histórico e narrativa literária**. Campinas: UNICAMP, 1998. p. 41-49.
- 25 LUKÁCS, G. Pós-fácio. In: GOETHE, J. W. V. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. São Paulo: Editorial 34, 2006. p. 581-601.
- 26 KOOGAN, A.; HOUAISS, A. (Dir.). **Enciclopédia e dicionário ilustrado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Seifer, 1998.